

A CRÍTICA DAS OBRAS AUTODIEGÉTICAS DE EÇA DE QUEIRÓS NO SÉCULO XX

Marcio Jean FIALHO DE SOUSA*

- **RESUMO:** A partir da leitura do conjunto da crítica que têm se debruçado sobre a obra de Eça de Queirós desde o século XX, é possível verificar que, de modo geral, a crítica não dedicou muito tempo e empenho à análise das obras de cunho exclusivamente autodiegética do autor, a saber, *O Mandarim* (1880) e *A Relíquia* (1887). Os motivos para o desprestígio dessas obras podem ser muitos e também antigos, dentre os quais, alguns serão aqui analisados. Dito isso, este estudo pretende apresentar e resgatar as diversas análises dos principais críticos queirosianos acerca da obra autodiegéticos do autor e propor novos olhares críticos que têm buscado posicionar essas obras de Eça de Queirós no rol das obras queirosianas.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Crítica Vintista. Narrador Autodiegético. Eça de Queirós. *A Relíquia*. *O Mandarim*.

Introdução

A partir da leitura do conjunto da crítica que têm se debruçado sobre a obra de Eça de Queirós desde o século XX, é possível verificar que, de modo geral, não há uma concisa dedicação dos especialistas em relação às obras de cunho autodiegéticos escritas por Eça, a saber, *O Mandarim*, publicado em 1880, e *A Relíquia*, de 1887. Os motivos para que os críticos optem pelo estudo de obras como *O crime do Padre Amaro*, *Os Maias*, *A cidade e as Serras*, por exemplo, são vários, podendo pertencer a diferentes esferas de discussão que passam pela a antiga justificativa apresentada por Pinheiro Chagas no emblemático concurso da Academia das Ciências de Lisboa, em que Eça de Queirós participou com *A Relíquia*, na ocasião, onde acusou o escritor de estar provocando seus avaliadores; passando também por argumentos que afirmam ser essas obras de menor qualidade estética que as outras. Com o livro *O Mandarim*, dentre os textos longos, em primeira pessoa, publicado em 1880, Eça de Queirós abre caminho a vários debates, passando desde a sua concepção até a definição do seu gênero textual. Neste estudo, por exemplo, ele

* UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros. Departamento de Comunicação e Letras. Montes Claros - MG - Brasil. 39401-089 - pcomarciojean@gmail.com

será tratado como um conto, assim como o próprio Eça de Queirós se encarregou de qualificá-lo em suas considerações, na ocasião da publicação desta história fantasista. Também sobre isso, a crítica queirosiana especializada parece não chegar a um consenso acerca da classificação do gênero textual empregado por Eça de Queirós em *O Mandarim*, levando essa discussão a um debate quase que infundável, já que o próprio Eça ora classifica-o como conto, conforme escreve em sua carta-prefácio para a edição francesa de 1884 (QUEIRÓS, 1992, p. 197), ora, como novela, conforme trata em sua correspondência; ou ainda como romance, uma vez que seria o texto extenso demais para ser classificado como conto. Sem entrar no mérito dessas discussões neste estudo, a história de Teodoro será aqui referida como *conto*. Mas o que mais importa neste momento não é o gênero a que pertence à obra, mas o tipo de narrativa apresentada.

Quanto à obra *A Relíquia*, na ocasião de sua publicação, Eça de Queirós a submeteu a um concurso literário promovido pela Academia Real das Ciências de Lisboa, como conforme anunciado linhas acima. *A Relíquia*, porém, não obteve êxito, pelo contrário, Pinheiro Chagas, que era o relator do júri, teceu várias críticas desqualificando-a por completo. Segundo João Medina, “A publicação deste romance em 1887 suscitou uma viva reação, assinala pelo fato de não ter um só voto no concurso da Academia das Ciências de Lisboa, sendo até acusado de verdadeira provocação” (MEDINA, 2000, p. 97).

Dentre os contemporâneos de Eça, pouco se falou sobre essas duas narrativas. Entre as obras que realmente tiveram grande repercussão está *O Crime do Padre Amaro*, que teve três edições diferentes; a primeira em 1875¹, a segunda, em 1876, e a terceira em 1880. Tendo recebido em cada publicação uma nova roupagem, quase que um novo romance passa a ser escrito, principalmente, quando comparada a primeira com a terceira versão, tais foram as modificações feitas nos textos.

Também foram destaques da crítica *O Primo Basílio*, de 1878; *Os Maias*, publicado em 1888, depois de oito anos de “gestação”, *A Ilustre Casa de Ramires*, tendo sua primeira edição em 1897, e *A Cidade e as Serras*, obra semi-póstuma, de 1901. É somente no século XX, porém, que *O Mandarim* e *A Relíquia* recebem algum espaço na crítica queirosiana.

1. A crítica queirosiana das obras autodiegéticas de Eça de Queirós no século XX

Como observado, tanto em *O Mandarim* quanto em *A Relíquia* os narradores são autodiegéticos, ou seja, em suas narrativas, Teodoro e Teodorico buscam,

¹ Esta primeira edição foi recuperada e publicada junto com uma coletânea de estudos produzidos e organizados pelos membros do Grupo Eça – USP, da Universidade de São Paulo, Brasil, no ano de 2019, sob o título de *O Crime do Padre Amaro – Eça de Queirós: texto da primeira versão e ensaios*. Vide dados completos nas Referências.

respectivamente, retratar uma situação que eles viveram anteriormente ao tempo em que a história é narrada. Além disso, ambos carregam em si certa inquietação, um desacerto com o mundo e consigo mesmos, elementos que facilmente poderiam ser associados ao momento em que vivia o autor, mas assim não procederemos para não cair em uma interpretação reducionista de viés puramente biográfico.

Por outro lado, tomadas em sua autonomia de personagens ficcionais, Teodoro, protagonista de *O Mandarin*, parece buscar na escrita uma forma de demonstrar ironicamente sua escolha diante de uma proposta irresistível, cuja consequência imediata seria tornar-se rico de um dia para o outro. Em contrapartida, o que Teodoro não previa eram as perdas que viriam junto aos benefícios. Teodorico, de *A Relíquia*, por seu turno, utiliza-se da sua narrativa para demonstrar como a hipocrisia das convenções sociais visa sempre a interesses pessoais e como, nesse contexto, ele é obrigado a se submeter a tais convenções também por interesses.

Álvaro Lins, em seu livro intitulado *História Literária de Eça de Queirós* (1959), afirma que, ao escrever *O Mandarin* e *A Relíquia*, Eça realiza uma evasão do Realismo, não deixando, porém, de se apoiar na realidade para dar lugar aos “seus devaneios libertários” (LINS, 1959, p. 128). Para Álvaro Lins:

Tanto *O Mandarin* como *A Relíquia* constituem livros à parte na obra de Eça de Queiroz. Nem pertencem à sua primeira maneira nem à última. Mas realizam no destino do escritor, a sua primeira evasão do naturalismo para o domínio da fantasia, que sempre o atraiu (LINS, 1959, p. 84).

O crítico acrescenta ao grupo dessas duas obras, outros dois romances: *A Ilustre Casa de Ramires*, publicada em 1897, na *Revista Moderna*, e *A Cidade e as Serras*, obra semi-póstuma, publicada em 1901. Isso porque, segundo Lins, a literatura realista de Eça de Queirós já parecia não ter mais nada a ser dito, assim ele procede:

Com *A Cidade e as Serras* Eça coloca-se do outro lado do *Primo Basílio* e dos *Maias*, e aproxima-se da *Morgadinha*, de Júlio Diniz, com o mesmo problema literário e humano. Já este deslocamento de posição é quase que uma vergonha. Também com a *Ilustre Casa de Ramires* o romancista Eça de Queiroz acaba. O escritor ainda está intacto, mas sente-se que o romancista encerrou a sua carreira. (LINS, 1959, p. 103).

Com essa afirmação, Álvaro Lins afirma que Eça chegou ao final de sua carreira como escritor. É curiosa, porém, essa constatação do crítico, pois, partindo do pressuposto de que não há “mais nada a ser dito”, Eça de Queirós passaria a ser colocado numa condição de esgotamento de ideias, o que o incapacitaria a continuar

escrevendo obras realistas. Não é o que pode ser constatado na biografia literária de Eça, pois como se sabe, morreu três anos depois com obras em andamento.

Analisando a *História Literária de Eça de Queirós*, escrito por Álvaro Lins, Cristiane Navarrete Tolomei, afirma que Lins dá continuidade a certa visão, já apresentada por Miguel Mello e por Viana Moog, de que Eça de Queirós era, na verdade, um escritor talentoso, porém sem ideias (Cf.:TOLOMEI, 2014, p. 67).

Também António José Saraiva traça quase que a mesma perspectiva apresentada por Álvaro Lins. Para Saraiva, ao fazer um estudo acerca das obras queirosianas no livro *A Tertúlia Ocidental*, no ano de 1996, *O Mandarin*, *A Relíquia*, *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras* constatou que elas são obras menos realistas. Segundo o crítico, as obras realmente realistas de Eça estão entre as *Prosas Bárbaras* e as *Vidas de Santos*, excetuando as obras de cunho fantásticos, já citadas, pois, segundo Saraiva “[...] mesmo na fase ‘realista’ da obra de Eça há vários romances que programaticamente nada têm de realistas” (SARAIVA, 1996, p. 149-150).

Saraiva recupera, com essa afirmação, o que havia outrora discutido no livro que lhe rendeu o prêmio Eça de Queirós, em 1996, intitulado *As ideias de Eça de Queirós*. Nesse livro de ensaios, António José Saraiva separa *O Mandarin* e *A Relíquia* do conjunto da obra queirosiana, colocando-as em um subgrupo em que o autor teria expandido suas ideias baseando-se em dois princípios, a saber: a tese e a fantasia. Esses princípios comporiam o gênero ao qual denominou *conto*.

Nada melhor do que os contos – entre os quais incluo *O Mandarin* e *A Relíquia* – documenta a falta de autonomia dos personagens de Eça. Ai em vez de homens de carne e osso há meros bonecos, o enredo é uma hipótese fantasista – e personagens e enredo pretexto para a ostentação de um estilo fantasioso e rico (SARAIVA, 1946, p. 11).

António Saraiva, nesse fragmento, acaba por rebaixar a produção de Eça de Queirós, na medida em que coloca as personagens como meros instrumentos de ostentação do fazer artístico. Quanto aos conteúdos de *O Mandarin*, António José Saraiva afirma que o enredo se desenvolve a partir do sofrimento de um homem assassinado dentro de outro homem. Isso porque, segundo Saraiva, o homem, dentro de um sistema de ideias “é dotado de consciência moral, e essa consciência é seu acusador e juiz” (SARAIVA, 1946, p. 12).

Também em sua *A História da Literatura Portuguesa* (2005), Saraiva, em parceria com Óscar Lopes, diz que *O Mandarin* é uma aventura histórica que associa predileções temáticas de Eça de Queirós, tais como ambientes de pensão, repartição pública e logradouros, mas que toma para si evocações exóticas quanto à construção do enredo. Isso porque há “a intervenção de um diabo bem-aparentado e bem-falante” (SARAIVA. LOPES, 2005, p. 873). Tanto em *As ideias de Eça*

de *Queirós* quanto n’*A História da Literatura Portuguesa*, Saraiva mantém a afirmação de que Eça pretende, com esse conto, evidenciar uma moralidade ironizada e relativizada.

António Coimbra Martins (1967), no livro *Ensaio Queirosianos: o mandarim assassinado – o incesto d’ “Os Maias” – imitação Capital*, aponta que essa alegoria moral retratada no mandarim de Eça não era algo inédito, pois, como descreve em seus estudos, a história do mandarim assassinado já era conhecida na França muito antes mesmo da publicação do conto queirosiano. Em contrapartida, Martins (1967, p. 141) afirma que Eça de Queirós foi o único que colocou o protagonista da narrativa como um viajante em busca da terra então desconhecida: a China. Por outro lado, segundo Martins, isso ainda não seria o ponto mais significativo quanto à escrita d’*O Mandarim*, mas, sim, o exercício mimético da conhecida fábula, para ele “[...] a versão queirosiana do paradoxo [*O Mandarim*] lembra-nos sobretudo o texto de Monnier/Martin e, apenas pela campainha, o citado passo de Annie Edwardes. A romancista inglesa não foi lembrada senão por *L’Intermédiaire*.” (MARTINS, 1967, p. 155).

A retomada por Eça da referida fábula tem sido bastante discutida quanto ao debate acerca do orientalismo vigente no século XIX. Esse ponto foi também estudado pelos pesquisadores Isabel Pires de Lima, em “L’imaginaire oriental chez Flaubert et Eça de Queirós: le Voyage em Egypto” (1991), Orlando Grossegesse em “Das Leituras do Oriente à Aventura da Escrita: a Propósito de *O Mandarim* e *A Relíquia*” (1997), Ellen W. Sapega, no artigo “O oriente do sonho e o sonho do oriente n’*O Mandarim*” (2002), entre outros trabalhos de pesquisadores queirosianos.

João Gaspar Simões, por sua vez, em sua *Vida e Obra de Eça de Queirós*, não distancia *O Mandarim* do conjunto da obra realista de Eça. Para ele, a história do mandarim “só era produto da fantasia porque o que nele se passava excedia o domínio dos fatos. Ninguém vira ainda o diabo de chapéu alto e luvas pretas” (SIMÕES, 1973, p. 471). Não fosse esse fator, esse conto queirosiano apresentaria o mesmo tom satírico que perpassa o projeto das *Cenas da Vida Portuguesa*, de Eça de Queirós. Como afirma Simões,

“O Mandarim” [...] é uma pequena peça literária, sem transcendência de tema, de estilo ou de composição. Pouco mais é que um desenfado, em que o romancista, cansado da análise e da *impertinente tirania da realidade*, procura debalde recuperar o brio, entre lírico e “fantástico”, dos folhetins de 1886 e 67 (SIMÕES, 1973, p. 475).

João Gaspar Simões dá destaque à tirania da realidade nesse fragmento, ou seja, assim como Álvaro Lins, Simões concorda com a possibilidade de Eça estar passando por um momento de evasão, ao escrever o conto sobre o chinês

assassinado, “Teodoro é uma personagem inventada, um cabide para a ‘fantasia’ de um escritor pouco seguro ainda da fantasia que o solicita” (SIMÕES, 1973, p. 476).

Quanto a *A Relíquia*, Gaspar Simões afirma que seria uma obra malograda (Cf.: SIMÕES, 1973, p. 475), porém capaz de demonstrar maior maturidade do escritor. Segundo o crítico, com *A Relíquia*, as aspirações libertárias de Eça de Queirós puderam ser concretizadas, isso porque: “Para sentir-se em liberdade, bastava-lhe um tema em que lhe não fosse preciso observar, analisar ou imaginar dentro da fronteira do real” (Cf.: SIMÕES, 1973, p. 476).

A crítica dos anos 2000 não se distancia muito do que já havia sido dito até então acerca dessas obras queirosianas de caráter autodiegético. João Medina, porém, em seu estudo publicado no ano em que marcou a virada do século, concorda que o conteúdo d’*A Relíquia* apresentava “matéria suficiente para escandalizar os espíritos religiosos e bem pensantes da sociedade burguesa do seu tempo, no fundo tão conformista e devota” (MEDINA, 2000, p. 98). Porém, Medina discorda que *A Relíquia*, por exemplo, representa uma evasão de Eça para a fantasia, pelo contrário, para ele essa obra

[...] é concebida como tríptico em que o painel central se liberta afoitamente do presente mantendo-se todavia fiel aos cânones realistas e à estética naturalista zolaica, em obediência ao subtítulo da obra: “Sob a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia” (MEDINA, 2000, p. 98).

Isso porque, para Medina, Eça de Queirós apenas se utiliza de certa fantasia, aqui por meio do sonho de Teodorico e depois pela materialização de sua consciência, para mostrar que todas as coisas poderiam ter dois sentidos. Que a mentira cobre uma verdade, que a fantasia esconde uma autêntica nudez, em outras palavras, esses fatores impedem que a verdadeira Consciência se firme, seja “capaz de mostrar o bem e o mal, e essa consciência encontrava-se dentro de si próprio” (MEDINA, 2000, p. 100).

Maria Filomena Mónica, no livro *Eça: vida e obra de José Maria Eça de Queirós*, publicado no ano de 2001, concorda que o autor das reconhecidas obras realistas escreveu *O Mandarim* como uma espécie de exercício de evasão. Segunda Mónica, foi no verão de 1880, instalado no Hotel du Cheval Blanc, que “vinham-lhe desejos de fantasia. Aos 35 anos, estava farto da ‘realidade’. [...] Um dia, talvez voltasse a aceitar as exigências da verossimilhança. Por ora, queria outra coisa” (MÓNICA, 2001, p. 215). Fato que, segundo a pesquisadora, provocou reações desagradáveis contra Eça. Segundo ela:

Inevitavelmente, os discípulos realistas de Eça sentiram-se traídos. A crítica mais feroz apareceu no jornal republicano, *A Vanguarda*, onde Reis Dâmaso demolia Eça: “Este livro veio a público recomendado pela fama do seu

festejado autor, fama justamente adquirida pelos admiráveis trabalhos, *Crime do Padre Amaro* e *Primo Basílio*. Mas é exatamente nisto que está o grande abuso literário de Eça de Queirós, porque os seus trabalhos anteriores e o seu bom nome não o autorizam a renegar dessa literatura a que ele deve toda a sua glória, arremessando às faces do público, que ainda há pouco o aplaudia com entusiasmo, um livro que está muito abaixo do seu formosíssimo talento (MÓNICA, 2001, p. 217).

Essa opinião também foi compartilhada por outros críticos de sua época, tal como Teófilo Braga, que chega a acusar Eça de plágio, como informa Filomena Mónica (Cf.: MÓNICA, 2001, p. 217).

Quanto ao livro *A Relíquia*, Mónica se limita a apenas afirmar que o tema bíblico nunca havia deixado Eça de Queirós, desde seu fracasso por ocasião da publicação de “A Morte de Jesus”, série de folhetins publicada em *A Revolução de Setembro*, na primavera de 1870. Dessa forma, escrever as memórias de Teodorico passava a ser uma questão de honra para Eça, afirma Filomena Mónica (Cf.: MÓNICA, 2001, p. 255). Além dessa afirmação, Mónica apresenta também em sua obra os episódios fatídicos que envolveram a demora para a publicação desta obra, desde o início de sua escrita em 1880, com publicação apenas em 1887.

Outro crítico português de Eça de Queirós, importante a ser aqui elencado, é o arquiteto António Campos Matos, com vasto currículo de estudos sobre a vida e a obra de Eça de Queirós, além da grande contribuição que deu aos estudos queirosianos ao compilar o *Dicionário de Eça de Queirós*, em 1988, aumentado em 1993 e em 2000. Campos Matos publicou também *Eça de Queiroz: fotobiografia* (2010) e *Eça de Queiroz: Uma Biografia* (2014). Essa é a biografia mais completa de Eça, pois, além de apresentar informações sobre a vida e obra do escritor, apresenta também reflexões críticas e, inclui, a recepção crítica, com indicação bibliográfica sobre as obras queirosianas.

Ao se referir ao *O Mandarin* nessa biografia, Campos Matos inicia afirmando que esse conto “veio quebrar o código realista que ele [Eça] tão intensamente professara” (MATOS, 2014, p. 478). O crítico fundamenta sua afirmação no prefácio que Eça escreve para a edição da *Revue Universelle Internationale* de Paris. Segundo Matos, ao escrever este prefácio, Eça deixa clara a sua mudança de estilo literário, buscando novos caminhos que o deixassem mais livre (MATOS, 2014, p. 479). Perspectiva refutada por Maria do Rosário Cunha, pois, segunda ela, Eça de Queirós estava apenas dialogando com as tendências de sua época, transferindo ao espírito português a atração pela fantasia “ao mesmo tempo que atribui a uma espécie de dever cultural, e não a uma ‘inclination naturelle de l’intelligence’” (CUNHA, 1997, p. 32). Quanto ao texto de *A Relíquia*, Matos limita-se a afirmar que Eça imprimiu nessa obra muitos elementos autobiográficos na criação da protagonista, Teodorico Raposo (Cf.: MATOS, 2014, p. 483).

No Brasil, Antonio Candido apresenta-se como expoente da crítica queirosiana na década de 1960, seguido de Beatriz Berrini e Elza Miné, que apresentaram suas significativas contribuições entre as décadas de 1970 e 1980. Antonio Candido publicou sua famosa obra intitulada *Tese e Antítese* no ano de 1964. Nessa obra o crítico apresenta seis textos nos quais analisa obras de autores das literaturas inglesa, francesa, portuguesa e brasileira, além de apresentar um texto, de encerramento, no qual apresenta um levantamento sobre as preferências musicais de Stendhal. O que interessa a ser apresentado aqui, porém, é o seu conhecido ensaio chamado “Entre campo e Cidade”² em que se dedicou a fazer uma análise panorâmica sobre a obra de Eça de Queirós.

Nesse ensaio, Candido apresenta a tese de que toda a obra de Eça se resume ao diálogo entre a vida no campo e a cidade, sendo que esta representa a vida moderna, civilização capitalista e intercâmbios sociais, enquanto o campo estaria como sinônimo de tradicionalismo, paternalismos sociais e economia agrária. Com tudo isso, o crítico traça o perfil das obras de Eça, chegando à conclusão que o autor d’*A Relíquia*, voz da civilização em suas obras iniciais, acaba por voltar a suas origens na medida em que, teoricamente, em suas últimas obras valoriza a vida rural em detrimento da pretensa modernidade que, por fim, provavelmente não comportaria mais “um romance urbano de costumes, harmonioso e forte”, pois

Neste caso, o ruralismo desse grande escritor, tão sensível à dimensão social, significaria pesquisa de alicerce mais consistente para o seu desejo de verdade e harmonia, sendo uma opção de ordem estética e não política (CANDIDO, 2006, p. 58).

Posicionando-se especificamente sobre as obras aqui analisadas, Antonio Candido faz algumas considerações pontuais. Sobre *A Relíquia*, o crítico coloca-a entre os romances que demonstram a falência da tentativa, do autor, de se construir o que o crítico chamou de apoteose da ficção urbanista em Portugal, cujo objetivo estava em apresentar uma análise crítica e moderna dos costumes portugueses, mas que Eça de Queirós acaba por abandonar. Para Antonio Candido,

A capital, sobretudo *O conde de Abranhos e Alves & Cia.*, rejeitados com razão pelo senso artístico do autor, importam numa falência da grande tentativa de construir a Suma Urbana do seu país. *Os Maias*, a que ficou parcialmente confiada a tarefa, já denotam orientação diversa, para não falar na indigesta pantomima d’*A Relíquia*, onde o problema se mistura à preocupação evocativa,

² Esse ensaio foi publicado pela primeira vez em Portugal, no ano de 1945, diferentemente dos outros textos que compõem a obra e que foram escritos na década de 1950.

que marcará daí por diante (embora noutro sentido) a obra de Eça (CANDIDO, 2006, p. 44-45).

É com esse argumento que Candido afirma que Eça de Queirós abandonou seus propósitos de crítica dos costumes para dar lugar ao que ele chamou de “indigesta pantomima” com a publicação de *A Relíquia*.

Há de se concordar que com a publicação de *A Relíquia* e com a publicação de *O Mandarim*, Eça de Queirós apresenta um novo estilo literário no conjunto de sua obra crítica, porém acreditamos que o romancista não deixa de fazer críticas de costume. Há, no entanto, uma crítica direta e irônica, por vezes velada, ao burguês e as suas formas de ascensão, assim como a crítica indiscriminada aos costumes hipócritas aos quais estão imersos a cultura portuguesa finissecular, atribuindo às práticas religiosas mais um dos diversos meios para ser integrados à sociedade privilegiada.

Em Teodorico, vê-se a personagem que finge viver as práticas religiosas como meio de ser recompensado por sua tia; já em Teodoro, o homem descrente afirma não deixar de lado suas rotineiras orações noturnas à Nossa Senhora das Dores, para apressar as felicidades que haviam de vir a sua vida (QUEIRÓS, 1992, p. 83).

Elza Miné, outra importante estudiosa brasileira das obras de Eça de Queirós, têm grandes e profícuos estudos acerca da obra de Eça, porém se dispôs a trabalhar mais especificamente acerca dos textos de imprensa e não se detém especificamente sobre as obras aqui tratadas³.

Já Beatriz Berrini, por sua vez, fez muitos estudos sobre os romances queirosianos e, sobre a crítica de *O Mandarim* e *d'A Relíquia*, afasta-se daqueles que afirmam que Eça teria seu momento de evasão do realismo ao escrever essas duas obras. Pelo contrário, para ela, Eça está mais uma vez exercendo seu poder de observador da realidade na qual está inserido e, como não podia deixar de ser, registra suas críticas explicitamente a partir das narrativas de Teodoro e de Teodorico. Segundo ela,

³ Elza Miné foi a primeira pesquisadora a publicar uma tese acadêmica sobre Eça de Queirós em terras brasileiras, porém sua crítica dedicou-se a analisar, de modo muito particular, os textos de imprensa de Eça. Tal como afirma Tolomei (2014), Elza Miné ficou “Conhecida como a especialista na obra jornalística de Eça, ela acredita na importância dessas publicações para a compreensão da obra do autor como um todo.” (TOLOMEI, 2014, p. 185). Assim afirma Miné: “Não há dúvida de que a elaboração da obra ficcional foi a grande preocupação do escritor. Mas não há dúvida, também, de que os textos canonicamente de imprensa revelam, assim com os de ficção, sensível eficácia literária (MINÉ, 2000, p. 10)”. As pesquisas de Miné trouxeram contribuições expressivas acerca dos estudos queirosianos. De fato, os textos de imprensa de Eça de Queirós revelam-se como textos doutrinários, apresentando pistas para a leitura de sua obra ficcional. Logo, ignorar ou simplesmente deixar esses textos de lado, implica fazer uma leitura rasa e, por vezes, equivocada dos textos ficcionais.

A crítica explícita continuará através d'*O Mandarim*, uma alegoria, e do texto picaresco, porém terrivelmente cáustico, da *Relíquia*.

Nessas duas obras, Eça opera uma crítica sem complacência alguma, na verdade, que vai fundo e atinge não somente, numa e noutra, o mundo português, mas a sociedade contemporânea e o ser humano em geral, de qualquer tempo e espaço. Talvez pelo fato do humor estar mais presente, e o autor buscar o exagero caricatural, mais esquematizador, para dar a sua visão da sociedade e do homem, tais obras pareçam menos virulentas (BERRINI, 1997, p. 61).

Berrini não só incluiu *O Mandarim* e *A Relíquia* no rol dos escritos realistas de Eça, como também os eleva à categoria da crítica universal à sociedade humana, visto que seu conteúdo ultrapassa os limites territoriais do povo português, focalizando o ser humano em geral. Dessa forma, Berrini contradiz toda a crítica que afirma ter Eça de Queirós abandonado a crítica à sociedade, tornando-se mais “conformado, convertido, adepto de uma ideologia conservadora, palaciano e patriota, no sentido menos nobre da palavra” (Cf. BERRINI, 1997, p. 60).

2. Um novo olhar sobre *A Relíquia*, de Eça de Queirós

O estudo das obras autodiegéticas de Eça de Queirós, a partir da chave da autobiografia, insere-se dentro da perspectiva da autobiografia da personagem de ficção, visto que, como se sabe, Eça de Queirós não escreveu obra autobiográfica alguma. A análise aqui realizada apropria-se, deste modo, do termo tendo como foco o narrador autodiegético, a saber Teodoro e Teodorico, respectivamente, sendo estes produtores do seu próprio fazer literário, reservando ao escritor apenas a função extradiegética.

Como outrora salientado por Maria Célia Leonel e José Antonio Segatto, na autobiografia da personagem de ficção, o enredo é apresentado pela personagem que narra suas experiências humanas e sociais, sendo conduzida pelo autor que lhe confere uma identidade no interior da trama (Cf.: LEONEL. SEGATTO, 2013, p. 204).

Logo, partindo dessa observação, é possível constatar nas obras *O Mandarim* (1880) e *A Relíquia* (1887), de Eça de Queirós, a presença de aspectos reveladores do processo da escrita de si desenvolvidos pelos próprios narradores autodiegéticos. Analisando *A Relíquia*, por exemplo, Óscar Lopes e António José Saraiva, afirmam que

Eça consegue imaginar uma autobiografia de certa personagem que é, ao cabo, muito reveladora para além do nível de consciência do próprio narrador; de fato, induz-nos a encará-lo, ora como um vulgar espertalhão, afinal logrado,

ora como testemunha fiel do nascimento histórico, dezanove séculos atrás, da sua própria religião – que aliás (e sem êxito) tentará instrumentalizar em seu proveito (SARAIVA. LOPES, 2005, p. 864).

Essa afirmação não se distancia muito do que acontece com *O Mandarin*. Nessa obra, porém, Eça de Queirós emprega o gênero do conto fantástico e fantasista. Segundo Rui da Costa Lopes, a fantasia, a partir do estudo etimológico do termo, tem origem na língua grega e foi, posteriormente, assimilada ao vocabulário romano. Em sua origem, o termo fantasia teria “sentido de imagem-reprodução e imagem-criação” (LOPES, 1994, p. 18), o que permite a Lopes afirmar que o autor desse tipo de narrativa “Diz o que ‘vê’ de uma outra realidade a que nem todos temos acesso” (LOPES, 1994, p. 18). Logo, a realidade referida por Lopes é apreendida pelo narrador e transcrita por meio dos recursos da fantasia, por ser essa uma representação individual e subjetiva do ser humano, a narrativa expressaria a consciência de uma realidade e não a realidade propriamente dita.

Segundo Michel Foucault, a escrita de si é capaz de atenuar o sentimento de solidão, na qual o narrador dá ao que se viu ou pensou um olhar possível (FOUCAULT, 2009, p.130). Assim é que, tanto Teodoro quanto Teodorico Raposo, protagonistas das narrativas *O Mandarin* e *A Relíquia*, respectivamente, iniciam a escrita de sua obra relatando momentos solitários e cruciais de suas vidas.

Teodorico Raposo, protagonista de *A Relíquia*, já no primeiro parágrafo de sua narrativa, relata o porquê de sua decisão pela escrita:

Decidi compor, nos vagares deste verão, na minha quinta do *Mosteiro* [...] as memórias da minha vida – que neste século, tão consumido pelas incertezas da inteligência e tão angustiado pelos tormentos do dinheiro, encerra, penso eu e pensa meu cunhado Crispim, uma lição lúcida e forte (QUEIRÓS, s.d., p. 05 - Grifo nosso).

O objetivo de sua escrita, segundo o próprio narrador autodiegético, seria mostrar uma lição de vida que ele caracteriza como sendo *lúcida e forte*. Esses dois adjetivos atribuídos ao substantivo *lição* serão de grande importância no desenvolvimento dessa análise aqui proposta, aliás, esses adjetivos são tão significativos nessa obra que Eça de Queirós repete um deles no subtítulo do romance: “Sobre a nudez forte da verdade – o manto diáfano da fantasia.” (Grifo nosso). Beatriz Berrini afirma que “o autor expõe de forma exata e dura a crueza da Verdade, tudo revelado pelo qualificativo *forte*. O tímido manto da Fantasia mal consegue revestir, se quer ocultar a Verdade” (BERRINI, 2009, p. 54).

Dessa forma, o objetivo dessa narrativa é apresentado ao leitor: contar uma experiência vivida de forma que essa possa servir de lição àqueles que insistem

em viver em um mundo velado ou em um mundo irreal, pois não há a ideia de hipocrisia aqui, mas apenas a de que a Verdade está ocultada pela fantasia.

Ainda sobre essa perspectiva, no *Dicionário de Narratologia*, Carlos Reis e Ana Cristina afirmam que o narrador de cunho autobiográfico busca selecionar eventos, interpreta-os e formula juízos de valor sobre eles próprios. Nesse sentido,

[...] o narrador tenderá a completar o narcisismo que neste tipo de relato emerge, com atitudes ideológico-afectivas ligadas à sua condição de sujeito adulto e maduro, eventualmente interessado em facultar do passado uma imagem que lhe seja favorável (REIS, CRISTINA, 1998, p. 38).

Expandindo essa análise, Carlos Reis, nos *Estudos Queirosianos – Ensaio Sobre Eça de Queirós e a sua Obra*, afirma que, numa narrativa de incidência autobiográfica, o enunciador

[...] coloca-se numa posição de centralidade, em relação ao universo representado, e acentua o carácter exemplar das experiências que viveu; por outro lado, do relato autobiográfico pode dizer-se que enferma de uma espécie de limitação judicativa e de uma certa tendência para a parcialidade [...] (REIS, 1999, p. 121).

Nesse aspecto, tanto Teodoro quanto Teodorico tentam se apresentar como “moralistas”, plenos de experiência para transmitir aos seus leitores, ou seja, apresentam suas narrativas como se pudessem ser instrumentos úteis àqueles que desejarem refletir sobre suas escolhas. Claro que isso só ocorre porque estes não só vivem como analisam suas experiências. Segundo Carlos Reis, eles são

Incumbidos, no presente da narração, de uma missão bem específica, ambos encaram agora o mundo em que vivem (e que é já o mesmo de outros tempos) por uma óptica extremamente alterada e marcada pelas experiências pessoais facultadas pelos desígnios do Destino (REIS, 1981, p. 181).

Teodoro, por sua vez, procurou resgatar suas memórias, a fim de justificar e atenuar a situação angustiante em que estava vivendo. Teodorico, por seu turno, pretende demonstrar uma lição de vida.

Vale ressaltar que essas obras não são autobiografias, partindo da perspectiva dos que as escreveram, mas podem ser incluídas no gênero autobiográficos se partirmos do ponto de vista dos narradores-personagens, ou seja, dos sujeitos da enunciação, já que, segundo Marcello Duarte Mathias, a autobiografia nada mais é que o “relato de uma vida pelo próprio, sendo o autor simultaneamente destinatário e o personagem-objeto da narração” (MATHIAS, 1997, p. 41). É interessante notar também que, no caso de Teodoro, houve um preço a ser pago: as indagações de

sua consciência o acusam, das quais nunca conseguiu se livrar, pois suas escolhas tiveram consequências irreversíveis.

Em *A Relíquia*, duas grandes perspectivas são apresentadas ao leitor: Eça de Queirós descreve o que seria a hipocrisia religiosa de Portugal oitocentista e como essa hipocrisia estava embrenhada nos valores culturais daquela sociedade. Além disso, demonstra como Teodorico Raposo, por meio da escrita de suas memórias, consegue, de certa forma, libertar-se de sua própria cegueira, mostrando que o grande instrumento de desalienação pode estar também no fazer literário, não deixando de notar, evidentemente, que a suposta desalienação de Teodorico é de natureza argentária e burguesa e, portanto, não é de fato moral, mas a paródia disso. Daí se infere que o discurso de Raposo busca destituir seus leitores dos valores humanos laicos ou religiosos que deveriam reger a ordem social, colocando em seu lugar o pragmatismo burguês.

Algumas considerações finais

Como pode ser observado, os críticos aqui apresentados não negam o fato de que as obras autodiegéticas de Eça de Queirós apresentam aspectos de crítica social e de denúncia da realidade, porém o que parece dificultar a inserção de *O Mandarim* e de *A Relíquia* entre as obras ditas realistas de Eça são os elementos fantasistas presentes em ambas.

Por outro lado, assim como anunciado pelo próprio Eça de Queirós, o realismo deveria representar seu tempo como condição basilar e, ainda como afirmara também em seu discurso nas Conferências do Casino Lisbonense, a fantasia e a imaginação faziam parte, eram inerentes à cultura portuguesa. Logo, fazer crítica social a partir do emprego de recursos da literatura fantástica poderia significar crítica à hipocrisia presente numa sociedade que se escondia por trás de uma pseudomoralidade capaz de ser deixada de lado à primeira oferta argentária.

SOUSA, M. J. F. Criticism of the autodiegetic works of Eça de Queirós in the twentieth century. *Itinerários*, Araraquara, n. 58, p. 151-165, jan./jun. 2024.

■ **ABSTRACT:** *From the reading of the whole criticism that has been focused on the Eça de Queiroz's work since the twentieth century, it is possible to verify that, in general, not much time has been devoted to the analysis of his self-denigrating works, namely The Mandarin (1880) and The Relic (1887). The reasons for the discredit of these works may be various and old, of which some will be analyzed here. Once this is done, this study aims to present and rescue the various analyzes of the main Queirozian critics about the author's autodiegetic work and present the new critical perspectives that have sought to position these works by Eça de Queirós in the list of Queirozian works.*

■ **KEYWORDS:** *XX century criticism. Self-diegetic Narrator. Eça de Queiroz. The Relic. The Mandarin.*

REFERÊNCIAS

- BERRINI, Beatriz. (Org.) **Obra Completa – Eça de Queiroz**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 2º volume. São Paulo, Ed. Martins, 1964.
- CANDIDO, Antonio. **Tese e Antítese**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 2009.
- LEONEL, Maria Célia. SEGATTO, José Antonio. “Considerações sobre autobiografias.” In: LEONEL, Maria Célia. GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. **Modalidades da Narrativa. Estudos Literários**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013., p. 187-205.
- LINS, Álvaro. **História Literária de Eça de Queirós**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.
- LOPES, Rui da Costa. **O Segredo do Cofre Espanhol**. Portugal: Imprensa-nacional Casa da Moeda, 1994.
- MATHIAS, Marcello Duarte. “Autobiografia e Diários.” In: **Colóquio de Letras**. Nº 143/144 jan./fev. 1997, p. 41-62.
- MARTINS, António Coimbra. **Ensaio Queirosiano – O Mandarin assassinado / O incesto D’Os Maias / Imitação Capital**. Portugal: Publicações Europa-América, 1967.
- MATOS, A. Campos. **Eça de Queiroz – Fotografia Vida e Obra**. São Paulo: Leya, 2010.
- MATOS, A. Campos. **Eça de Queiroz: Uma Biografia**. São Paulo: Ateliê Editorial & Editora da Unicamp, 2014.
- MEDINA, João. **Reler Eça de Queiroz – Das Farpas aos Maias**. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.
- MÓNICA, Maria Filomena. **Eça de Queirós**. 4ª ed. Lisboa: Quetzal Editores, 2001.
- PEREIRA, Daiane Cristina; SILVÉRIO, Danilo; ANDRADE, José Roberto de (Orgs.). **O Crime do Padre Amaro – Eça de Queirós: texto da primeira versão e ensaios**. Maringá: Eduem, 2019.

QUEIRÓS, Eça de. **A Relíquia**. Porto: Lello & Irmão, s.d.

QUEIRÓS, Eça de. **Obras Completas**. Vol. III. Porto: Lello & Irmão, s.d.

QUEIRÓS, Eça de. **O Mandarim**. Edição crítica de Beatriz Berrini. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992.

REIS, Carlos. **Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção e Eça de Queirós**. 2ª Ed. Coimbra: Livraria Alameda, 1980.

REIS, Carlos. **Estudos Queirosianos – Ensaio Sobre Eça de Queirós e a sua Obra**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

REIS, Carlos. LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. 6ª Ed. Coimbra: Livraria Alameda, 1998.

SARAIVA, António José. **As Ideias de Eça de Queiroz**. Portugal: Academia das Ciências, 1946.

SARAIVA, António José. LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17ª Ed. Porto: Editora Porto, 2005.

SARAIVA, António José. **Tertúlia Ocidental**. 2ª Edição Revisada. Lisboa: Gradiva, 1996.

SIMÕES, João Gaspar. **Eça de Queirós – O Homem e o Artista**. Lisboa: Edições Dois Mundos, 1945.

SIMÕES, João Gaspar. **Vida e Obra de Eça de Queirós**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1973.

TOLOMEI, Cristiane Navarrete. **A recepção de Eça de Queirós no Brasil: Leituras Críticas do Século XX**. São Paulo: Scortecci, 2014.

